avanço da produção e do consumo destas carnes em substituição à bovina, e encontrando-se o Brasil francamente engajado no aumento de consumo da carne branca, é de se supor que a demanda de milho enquanto ração continue a sustentar o mercado interno do grão.

De qualquer forma, a previsível menor produção de milho na temporada 1997/98 deve ser entendida como algo saudável para esse mercado, já que sua função primária será corrigir a rota descendente dos preços aos produtores e, com isso, garantir o equilíbrio do mercado, necessário para lhe assegurar a sustentabilidade a longo prazo.

IRENE RAGUENET TROCCOLI
E-mail: iragtroc@fgv.br

SOJA

SAFRA de VERÃO

Cresce o plantio da soja

Ainda em meio a diversas indefinições, das quais a mais séria diz respeito à manifestação de El Niño, a movimentação de compra de insumos e a expectativa quanto ao mercado em 1998 dão conta de um plantio significativo para a soja.

Sempre dinâmico, o mercado da soja contou este ano com elementos novos, que aumentaram sua agitação, provocando por vezes alguma imprevisibilidade. O mais citado tem sido a desgravação do ICMS nas exportações do grão, pelas alterações promovidas no subsetor, com a opção pelas vendas externas do insumo básico para a indústria.

Outro fator é a configuração de mercado climático na Bolsa de Chicago, acentuada pela preocupação com a antecipação de El Niño e seus efeitos sobre as safras ao redor do mundo.

Para a sojicultura brasileira, portanto, haverá diferentes enfoques, quer se trate da produção agrícola ou da industrial. Nesta última, por exemplo, a divergência de interesses é antiga e já promoveu o deslocamento das discussões até mesmo para o campo jurídico. Desde que o Rio Grande do Sul, há alguns anos, deu descontos para o ICMS do complexo da soja, empresas de outros estados pleitearam direitos iguais e passaram a depositar judicialmente seus pagamentos. Empresas paranaenses, por exemplo, argumentaram que farelo e óleo são produtos industrializados.

Outra polêmica neste assunto é encampada pela Associação Brasileira de Óleos Vegetais (Abiove), entidade representativa do setor, que não vê lógica na cobrança de uma taxa de classificação abrangente, capaz de incidir sobre grão, farelo, óleo bruto e óleo refinado. Essa taxa foi instituída pela Lei nº 6.305, de 1975, e cobria produtos agrícolas e não-industrializados. Mais tarde, passou a abranger a soja e seus derivados. Como resultado, há uma série de mandatos de segurança e medidas judiciais impetrados pelas indústrias, que costumam ser derrotadas, já que se contempla no julgamento o espírito original da legislação, de informar ao consumidor quanto aos tipos do produto.

Outra polêmica que promete render bastante é a do ressarcimento dos estados pelas perdas de arrecadação trazidas pela Lei Kandir, justamente a que desgravou o ICMS dos produtos primários nas exportações. O governo federal não está ressarcindo os estados conforme se comprometeu a fazer, e as administrações, que já tinham problemas de caixa, ficaram em pior situação. A partir de fins de agosto, começou-se a discutir em Brasília sobre o que fazer a respeito, principalmente considerando que em 1998 serão também desonerados os bens de uso e consumo das empresas, o que abalará ainda mais as combalidas finanças estaduais. Os estados que iniciaram as discussões foram Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia, Distrito Federal, Ceará, Minas Gerais, Santa Catarina e São Paulo, que se consideram credores de cerca de R$3,6 bilhões e só receberam de repasse R$382 milhões, 20% do previsto na legislação.

Situação no campo

O bom desempenho da atividade como um todo, nas últimas comercializações, tem colocado a soja em posição destacada nas intenções de plantio para a safra 1997/98. Embora oficialmente, até meados de agosto, a Conab não tivesse divulgado nenhuma estimativa do comportamento do próximo plantio, a movimentação no campo levou a que escritórios regionais da companhia apresentassem cálculos preliminares, dando conta de expansão da área de cultivo em até 7%.

Diante dos bons preços do grão, que permaneceram atrativos mesmo depois da entrada da safra 1996/97, apareceram estimativas extremamente otimistas, que só fizeram melhorar devido à situação precária do mercado do milho, seu principal concorrente por espaços. Em algumas regiões porém o algodão, em fase de recuperação, apresentou-se como competidor, como nos casos de áreas goianas e paranaenses.

Calcula-se no entanto que os maiores aumentos poderão ocorrer justamente em terras de Goiás e também no Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais e Bahia. Nesta safra, a soja terá financiamento de R$100 mil, no Centro-Oeste e no Nordeste, e nas demais regiões, de até R$40 mil. O preço mínimo está apresentado na tabela 1.

Tabela 1
Brasil — preços mínimos da soja e do milho
1996/97 e 1997/98

Região	1996/97	1997/98
Soja		
Acre, Rondônia	7,98	8,50
Mato Grosso, Pará, Tocantins e Nordeste	8,43	9,00
Demais regiões	8,88	9,50
Milho		
Mato Grosso, Pará e Rondônia	6,30	6,00
Goiás, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal	6,70	6,50
Demais estados	6,70	6,70

Fonte: Conab.

No caso dos estados do Centro-Oeste, a Conab acredita que um plantio entre 15 e 20% maior do que o do ano passado não seria surpreendente. Há muita pastagem degradada necessitando de substituição e o milho, mais uma vez, registrou uma comercialização difícil.

Fontes estaduais estão acompanhando as vendas de fertilizantes e de sementes, que confirmam a inclinação pela escolha da soja. Têm registrado quase sempre majorações nos preços dos insumos superiores tanto à inflação dos últimos meses, quanto aos preços dos mesmos insumos empregados em outras lavouras. O preço da semente de soja, por exemplo, segundo dados do Departamento de Economia Rural, da Secretaria de Agricultura do Paraná (Deral/PR) aumentou 31% em um ano, enquanto as sementes de algodão, arroz e milho pouca alteração de preços apresentaram.

No Paraná, maior estado produtor, cujo plantio começa em outubro, o Deral calcula que a área cultivada vá passar dos 2,48 milhões de hectares do ano anterior (ver tabela 2) para 2,76 milhões (mais 11%). Isto levaria a produção de 6,5 milhões de toneladas para o intervalo de 7 a 7,6 milhões. O milho, contudo, apresenta um quadro que é bem o oposto: recuo de 16% na área, passando de 1,82 milhão de hectares para 1,53 milhão, com a produção caindo de 6,77 milhões de toneladas para algo entre 5,2 e 5,7 milhões.

No estado, o problema da dívida agrícola não é tão sério quanto no Centro-Oeste para a soja, e ainda se considera possível o acerto de uma prorrogação nos pagamentos previstos para outubro. Esta idéia vem sendo defendida pela Federação da Agricultura do Paraná (Faep) a partir da proposta da Confederação Nacional da Agricultura (CNA).

Também de acordo com o Deral, apesar de as indústrias terem-se manifestado repetidas vezes contra o novo tratamento dado ao grão, seus ganhos com as operações do farelo continuam. Sua rentabilidade deve ter sido afetada, mas há o recurso às importações para atenuar esse tipo de problema. Assim, é interessante observar que, em 1996, o Brasil adquiriu no exterior 937 mil toneladas de soja, sendo 76,5% provenientes do Paraguai, país que deslocou a Argentina da posição de maior fornecedora.

Dados compilados por José Ricardo Severo, para a *Revista de Política Agrícola* da Conab, abr./jun. 1997, dão conta de que, entre 1991 e 1996, as compras do Paraguai cresceram 6,5 vezes, chegando a US$172 milhões. No mesmo período, os argentinos começaram respondendo por 94% das aquisições brasileiras de soja no Mercosul e, em 1996, nada venderam. Além da maior proximidade e da facilidade de escoamento, há que considerar que a produção paraguaia vem sendo conduzida, em sua maior parte, por emigrantes brasileiros. Aliás, as importações de produtos agropecuários pelo Brasil vêm registrando cada vez maior presença dos vizinhos *mercosulinos* (ver tabela 3).

O Rio Grande do Sul, estado mais próximo do Mercosul — com quem aliás tem mais fronteiras do que com o Brasil —, vem sendo, em anos recentes, o terceiro maior produtor de soja. Segundo a Emater-RS, os produtores gaúchos estão principiando as compras de insumos. É ainda cedo para qualquer detalhamento das intenções de plantio. Contudo, a mesma tendência manifestada em outras importantes regiões produtoras deve-se manifestar no estado: mais soja (fala-se de um aumento de aproximadamente 5 a 6%, percentual semelhante ao que o milho deve perder) e menos milho. O plantio deste último começou em julho. Em fins de agosto, calculava-se que apenas cerca de 4 a 5% do plantio estavam completos.

Este levantamento preliminar sugere que, caso se verifique a expansão comentada no início, a produção brasileira poderá ultrapassar 28 milhões de toneladas, estimativa dos relatórios do Departamento de Agricultura Norte-

Tabela 2
Soja — produção brasileira
Safras 1995/96 e 1996/97

	Área (mil ha)		Produção (mil t)		Rendimento médio (kg/ha)	
UF	1995/96	1996/97	1995/96	1996/97	1995/96	1996/97
PR	2.389	2.480	6.383	6.525	2.672	2.631
MT	1.962	2.067	4.759	5.397	2.425	1.620
RS	2.763	2.950	4.332	4.780	1.567	2.612
GO	914	993	2.019	2.450	2.209	2.465
MS	832	881	2.004	2.137	2.410	2.425
SP	564	575	1.234	1.322	2.190	2.300
MG	531	508	992	1.115	1.868	2.197
BA	433	457	700	959	1.616	2.100
SC	213	233	505	542	2.369	2.322
MA	90	129	195	230	2.157	1.990
DF	35	35	67	83	1.931	2.400
TO	7	15	14	18	1.924	1.226
Total	10.735	11.322	23.205	25.585	2.162	2.260

Fonte: IBGE.

Tabela 3
Brasil — importações de produtos agropecuários
1996 — em milhões de US$

Produto	Mercosul (1)	Demais países (2)	(1)/(2) em %
Arroz	245,7	100,8	70,9
Carnes	228,0	12,0	95,0
Lácteos	304,5	207,5	59,5
Milho	67,1	7,8	89,6
Soja	265,7	66,7	86,8
Trigo	879,1	344,4	71,9
Total	1.996,4	739,2	72,9

Fonte: Detec/ CNA.

Americano (USDA). Para tanto, porém, será necessário que El Niño não provoque maiores danos. Também no Rio Grande do Sul, são grandes os motivos para um acompanhamento atento do fenômeno climático, pois o rendimento físico médio de suas lavouras é sempre inferior à média do país.

Situação internacional

Influências climáticas também continuarão ditando o comportamento das cotações internacionais. A própria safra dos EUA, de 74,7 milhões de toneladas, é 15% maior do que a de 1996, mas está sendo bastante influenciada pelo clima. A cada notícia de novas chuvas no Meio-Oeste norte-americano, os preços em Chicago recuam, pois ganham maior concretude as impressões de que o mercado será pressionado por uma grande oferta. No relatório do USDA de 10 de agosto, a situação das plantações norte-americanas foi apresentada em condições inferiores às da avaliação anterior, do dia 3 do mesmo mês, com 45% delas em situação variando de regular a muito ruim.

Os estoques de soja em grão nos EUA, por sua vez, estão sendo recompostos. Há um ano, eram os mais baixos em duas décadas, e sobre sua fraqueza construiu-se a força das cotações mundiais. No relatório do Departamento de Agricultura de 13 de agosto, calculou-se a posição dos estoques em 8,31 milhões de toneladas, 145% maiores do que o verificado em 1996/97.

No Brasil, a situação dos estoques é delicada (9,25 milhões de toneladas, 15% menores do que em 1996), embora fosse esperada. Há escassez de grão e as importações que, no período de um ano, desde julho de 1996, foram um pouco menores (610 mil toneladas, ante 649 mil um ano antes) precisarão aumentar. A partir de outubro, com a entrada no mercado da próxima safra norte-americana, virão novas importações dos EUA, pois a Argentina e o Paraguai não disporão de excedentes exportáveis. A safra da América do Norte, porém, é taxada com a alíquota de 10% da tarifa externa comum, que caracteriza a união aduaneira do Mercosul, e sua internalização será outro ônus para as empresas distantes dos portos.

Assim, mantém-se nebuloso o futuro do mercado, com a expectativa de que, se o próximo ano começar com boas produções norte-americana, brasileira (a da China será semelhante à safra anterior, por problemas de seca) e, possivelmente, argentina, a comercialização, em 1998, não será bafejada com preços elevados. Para a próxima colheita norte-americana, por exemplo, as cotações já estão sendo esperadas 15% abaixo das do mesmo período de 1996, ficando entre US$5,60 e US$6,30/*bushel*.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA
E-mail: ferfal@fgv.br

SECURITIZAÇÃO

Na hora do plantio

A constatação de que o espaço ocupado com cereais e oleaginosas recuou cerca de 1,5 a 2 milhões de hectares nos últimos dois anos não é nada animadora. Mas se a comparação levar em conta o que se plantava no final dos anos 80, a redução vai para 6 milhões de hectares, onde se poderiam colher de 15 a 20 milhões de toneladas.

O país saiu da agricultura horizontal e partiu para a vertical, mas o tempo passa e os ganhos de produtividade não têm sido suficientes para compensar a área de cultivo deixada de lado. O reflexo mais revelador desse comportamento está na enorme crise de renda e liquidez com que o setor convive desde o Plano Cruzado, de 1986, que se refletiu com extrema virulência no período de ajuste pós-Plano Real e cujas seqüelas ainda persistem.

Neste momento de plantio da safra de verão da região Centro-Sul, o cronograma agrícola avançando de forma inexorável, uma questão pontual paira no ar: qual a tendência de